
Sonhar com florestas, para fazer florestas

Marina Souza Lobo Guzzo [1]

Resumo: A partir do quadro “O Sonho” de Henri Rousseau (1910), o presente ensaio pretende imaginar práticas mundanas para operadores sociais em um mundo devastado pela monocultura. Sob a lógica da *plantation*, hoje, em plena pandemia da Covid-19, somos tentados a sonhar novas “florestas” para a vida insustentável nas cidades brasileiras. Como fazer floresta frente à monocultura do fazer e do sentir? A resposta para esta pergunta tenta ser tensionada a partir de alguns princípios que têm desenvolvido modos de regeneração de solos destruídos por anos de monocultura em plantações de soja, cana ou mesmo pastos. São exercícios de imaginar práticas que podem servir como ponto de partida para um campo de experimentações estético-político-sociais.

Palavras-chave:Arte. Floresta. Agrofloresta.

Dreaming of forests, to make forests

Abstract: Based on the painting “O Sonho” by Henri Rousseau (1910), the aim of this essay is to imagine worldly practices for social operators in a world devastated by monoculture. Under the current logic of plantation in the midst of the Covid-19 pandemic, we are tempted to dream new “forests” for unsustainable life in Brazilian cities. How to create a forest facing the monoculture of making and feeling? The answer to this question tries to be tensioned based on some principles that have developed ways of regenerating soils destroyed by years of monoculture in soybean, sugarcane or even livestock grazing. These are exercises in imagining practices that can serve as a starting point for a field of aesthetic-political-social experiments.

Keywords: Art. Forest. Agroforestry.

[1] Professora Adjunta na UNIFESP - Campus Baixada Santista, no Departamento de Saúde, Clínica e Instituições e credenciada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar de Ciências da Saúde. Pesquisadora e artista do Laboratório Corpo e Arte. E-mail: marina.guzzo@unifesp.br

Yadwigha num belo sonho
 Estando adormecida docemente
 Escutava os sons de uma cornamusa
 Que tocava um encantador benévolo.
 Enquanto que a lua reflete
 Sobre as flores, as árvores verdejantes,
 As fulvas serpentes prestam ouvidos
 Às melodias alegres do instrumento!

Na sala de uma casa na cidade, com o privilégio de poder fazer distanciamento social e evitar espaços de possível contaminação pelo vírus SARS-Cov-2, percebo que sonho com a natureza. Imagino matas, ouço o som dos pássaros, procuro tons de verde. Atenho-me aos vasos do pequeno jardim, espaços confinados de plantas que resistem ao ar poluído, produzindo vida em pedaços de plástico. As cidades cansadas, velhos espaços, imaginados para uma vida que já não é mais a nossa, virou um cenário de desencanto e de muitas perdas. Fomos lançados em 2020 de volta ao lugar de espectadores de um filme trágico: milhares de mortos pela falta de políticas públicas eficazes na prevenção à pandemia, ao mesmo tempo em que assistimos o fogo queimando as florestas e o cerrado, reforçando tantas outras desgraças do cenário político e social. Cidades que não existem mais, ou que nunca existiram, e que se transformaram em um conjunto contrastante de casas particulares, apartamentos desiguais, casebres, favelas (COCCIA, 2020). Sonho com florestas. Lembro do *Sonho* de Henri Rousseau, um dos meus preferidos.



Figura 1 - Henri Rousseau, *O Sonho*, 1910. Óleo sobre tela, 204, 5 x 298, 5 cm. The Museum of Modern Art, Nova York.

O sonho, grande pintura a óleo sobre tela criada em 1910, é uma das mais de 25 pinturas que o artista fez com o tema da selva. “A mulher adormecida no sofá sonha que foi transportada para a floresta, ouvindo os sons do instrumento do feiticeiro”, essa é a inscrição do artista para o quadro, em carta de 1910 para André Dupont, quando explicava a presença do sofá no quadro (LIMA, p.163, 2019). Rousseau explicava, assim, a inserção de um músico e uma mulher nua reclinada em uma selva iluminada pela lua, cheia de folhagens e vida selvagem - era um sonho. O sonho de uma floresta.

No entanto, Rousseau nunca tinha deixado a França. Pintava a floresta inspirado por suas visitas ao *Jardin des Plantes* de Paris, um jardim botânico e zoológico com grandes estufas e imagens de taxidermia. Era ali que ele sonhava com a selva, com uma floresta que não existiu. “Conhecido como o Aduaneiro (*le Douanier*), por seu emprego na Aduana de Paris, Rousseau é um dos casos singulares da história da arte tido como iniciador da

pintura *naïf*, ou ingênua, ao criar uma obra particularmente original e distante das convenções estéticas” (LIMA, 2020, p. 166).

A partir de um olhar eurocentrado da história da arte, Rousseau é muitas vezes considerado um dos primeiros pintores *naïf*. Era autodidata, não frequentou escolas clássicas - e, por isso, não era “reconhecido” por certo elitismo das artes francesas da época. Começou a pintar aos 40 anos e seus desenhos eram desprezados pela crítica especializada. No entanto, ele influenciou artistas importantes como Picasso e criou um precedente crucial para artistas surrealistas, como Salvador Dalí e René Magritte, que também confiaram em combinações inusitadas com imaginários oníricos para criar seus quadros.

Voltando à floresta, da pintura ou do meu sonho. Podemos ver detalhes ricos de animais, flores e plantas. A lua, que traz um ambiente de encanto. E a música, tocada por uma figura negra, provavelmente de um povo originário da floresta, que encanta a figura feminina branca, deitada no divã, sonhando. Uma floresta organizada, harmonizada e idealizada. Uma floresta que passa pelo sonho colonial. Uma floresta em que o humano fica separado do mundo vivo.

Também se apresenta a separação entre natureza e cultura de maneira bastante enfática. O ideal da modernidade, em relação ao mundo exótico, como um lugar que se apresenta apenas como sonho - como se a floresta fosse um mundo separado ou como se a branquitude estivesse separada do mundo vivo. Ou, como questionam Donna Haraway e Thyrza Goodeve (2015), existe um jogo de manutenção sobre o que é natureza e o que é

cultura em nossa sociedade. Como podemos inverter esses valores?

Neste mesmo caminho, para as autoras, a modernidade se caracteriza pelo período de transporte de sementes e genes. A invenção do primeiro grande sistema industrial, a agricultura de *plantation*, funcionou a partir da realocação de pessoas, de plantas, de açúcar e de mandioca para alimentar as populações das quais a força de trabalho masculina foi removida para fins de agricultura colonial.

A colonialidade incentivou esse ideal de floresta como algo separado de nós, que pode ser destruído e usurpado pela ação humana. O sistema capitalista sempre operou na lógica de oposição à natureza, entendendo que esta serve como recurso e deve, portanto, ser comercializada, explorada e transformada em *commodity*.

Em contraposição à floresta, vimos crescer no Brasil os desertos da monocultura. A *plantation* (MBEMBE, 2018; KILOMBA, 2019) instalada pelo processo colonial, que geram feridas e desigualdades territoriais e subjetivas, que precisam ser olhadas, reconhecidas e curadas por processos que levam tempo e agenciamentos diversos. A *plantation* traz com ela a gestão dos corpos racializados nela inseridos, espalha o deserto, a dor e o desamor. Da cana, do café, da soja, do pasto. O gado. Da destruição da biodiversidade, do espaço do exercício do poder punitivo e a gestão de alguns corpos nele inseridos - quem merece viver e quem podemos deixar morrer? A antifloresta.

Sob a lógica da *plantation*, hoje, frente ao Covid-19, somos tentados a sonhar novas “florestas” para a vida insustentável das

idades brasileiras. Uma minoria da população, pôde se isolar em casas e apartamentos, mantendo apenas as saídas ditas essenciais. No entanto, o grande abismo socioeconômico brasileiro ficou evidente: vimos uma grande maioria de pessoas impossibilitadas de proteger-se da infecção e propagação do vírus, tendo que trabalhar e deslocar-se em transportes precários e lotados. A falta de espaços de contato com natureza, parques, vegetação densa - e arte, fez e faz ainda a sensação de que a floresta está cada vez mais distante de nós - o impacto disso é uma percepção de deserto, de escassez.

Também acompanhando em computadores e televisões, assistimos, atônitos e passivos, a floresta amazônica e o cerrado brasileiro pegando fogo, pela grande seca que atravessamos devido às mudanças climáticas há tempos anunciadas por cientistas e ambientalistas, mas, principalmente, pela falta de políticas de proteção e preparação exercidas durante o governo genocida em curso no Brasil.

Diante desses dois quadros - o literal, de Rousseau, e cenário do Brasil em 2020 -, proponho imaginar, como artistas, professores, educadores, operadores sociais, formas de combate à necropolítica (MBEMBE, 2018), que supõem a gestão de corpos e afetos como a “condição para aceitabilidade do fazer morrer”, mas que inclui um modo de exclusão de tudo que é múltiplo, espelhado pela imagem, do reflorestamento ou da vida. Qual é nosso papel diante dessa condição social, histórica e cultural? O que precisamos aprender ou desaprender neste momento?

Como fazer floresta no cenário atual?

Com práticas mundanas. Práticas comprometidas com a finitude, com a mortalidade e com carnalidade. Práticas que assumem a realidade como algo que inclui todos os seres vivos. Uma prática e conhecimento situados (HARAWAY; GOODEVE, 2015).

Em Ernst Götsch, podemos ver esse tipo de conduta. Um agricultor suíço que migrou para o Brasil na década de 1980, estabelecendo-se em uma fazenda na zona cacaueteira do sul da Bahia. Essa fazenda, que possuía terras consideradas “pobres” após o grande desmatamento da propriedade pelo antigo dono (que após extrair a madeira da área, converteu-a em pastagem), foi regenerada por uma proposta desenvolvida por Götsch, chamada de agricultura sintrópica ou Agrofloresta Sucessional. Sua publicação “*Break-through in agriculture*” (Götsch, 1995) traz como modelo, uma prática constante baseada na ideia de vida e amor, onde floresta e agricultura estão juntas, favorecendo níveis de organização cada vez mais amplos.

Uma das principais lições de Götsch é que não há um único modelo ou receita. Cada solo, cada região e cada clima têm suas características, que precisam ser observadas e respeitadas. É preciso olhar, escutar, sentir e estar junto, para só então propor, a partir do que já existe ou existiu ali, formas de transformação e cuidado.

Essa noção se aproxima do conceito de “*undercommons*”, proposto por Fred Moten e Stefano Harney (2013), como base da poética e da agência de resistência e luta coletiva que ocorre *abaixo e dentro* do sistema existente - que sempre esteve lá, apontando

para lutas antiescravagistas e, logo, diferenciando-se dos comuns institucionalizados com potencial de ser capturado por uma lógica de gestão e controle. Escutar e produzir narrativas, presentes ou passadas, é um jeito de cartografar um território, suas subjetividades e a partir de então pensar a partir delas ações para transformação, seja com ou pela arte ou a educação.

Seguindo nos ensinamentos sobre as agroflorestas sucessionais, outro ponto importante a ser destacado é que a saúde da planta não depende exclusivamente do tratamento dado a ela como indivíduo, sendo preciso considerar o ecossistema por completo, tanto as relações intraespecíficas quanto as interespecíficas (PENEIREIRO, 2003). Como diria Alberto Acosta (2016, p.140), “o Bem-viver será para todos e todas. Ou não será”.

A pandemia de Covid-19 trouxe essa certeza de maneira mais escancarada, evidenciando e aumentando desigualdades e riscos, a partir de uma vida extremamente empobrecida, tanto do ponto de vista material e físico, quanto do ponto de vista de direitos, acessos a sistemas de saúde e educação de qualidade. Nesse sentido, seria fundamental refletirmos sobre a coletividade em todos os níveis, incluindo seu caráter político, econômico e psicossocial. Resistir à progressiva privatização e monetização do espaço, do tempo e das subjetividades emaranhadas às condições de colonialidade atuais e contínuas; sem esquecer das crescentes formas de precarização e competição que estão por trás de todas as nossas relações.

Aqui, é importante estabelecer uma ponte com o conceito dos “*Commons*” ou “Comuns”, estabelecido por meio de uma

gestão coletiva de recursos que podem ser encontrados em diferentes contextos históricos e culturais. O Comum se estabelece pelas relações, pelo encontro, pela partilha, e também de regras, de jogos, de convivialidade, de práticas de sustentação e de presença. Ele exige constante coprodução e é inapropriável: precisa deixar de ser Comum para ser passível de apropriação exclusiva. É um domínio relacional de entres não só humano, mas também objetos, instituições, espaços, clima. Depende, portanto, “de uma comunidade que o sustente e o atualize permanentemente” (MORAES; PARRA, 2020).

Não pode haver utopias em relação a essa sustentação e construção: não existe um divã para ficarmos deitados, sonhando com uma floresta mágica, enquanto um encanto acontece - como no quadro de Henri Rousseau. O Comum requer a prática constante como floresta. Não é em um primeiro momento que ele aparece ou é definido. O que é comum aparece justamente nas frestas, nas fendas, nas fraturas, no que se estabelece de novo a partir de uma proposta aparentemente “incabível”, “difícil”, ou “impensada”. Colocar-nos também, diante de um território, de um espaço público e ampliamos no campo das práticas inventivas, pessoas que, em princípio, não pertenciam, conheciam esse universo complexo de saberes e moveres, que, ao adentrarem neste campo, adquirem visibilidade e potência de enunciação.

O comum surge nos interstícios de um tecido de dissensos, quando novas figuras do sentir, do fazer e do pensar, novas relações entre elas e novas formas de visibilidade dessa rearticulação são demandadas e engendram novas formas de subjetivação. A política é assim o estabelecimento de relações inéditas entre as significações, as significações e os corpos,

os corpos e seus modos de enunciação, lugares e destinações (CESAR, 2007).

que ainda ontem ele chamava de identidades, em grande parte massacradas.” (GLISSANT, p.81, 2014)

Ainda sobre a agricultura sintrópica, uma outra questão apontada por Ernest Götsch (Peneireiro, 1999) é que a fertilidade do solo é resultado de um sistema de produção dinâmico. Nesse sentido, não poderíamos supor que é possível fertilizar um solo inserindo apenas um elemento (um defensivo, ou um tipo de nutriente). Existe uma dinâmica que prescinde a floresta, que pode ser otimizada, pela criação de mais biomassa disponível, com a prática das podas constantes, por exemplo.

Na floresta, as grandes árvores deixam cair folhas, frutas e galhos que forram o chão com matéria em decomposição, criando mais vidas para outras plantas, fungos, bactérias e animais. Todas essas espécies, em contrapartida, geram mais vida, ao produzir processos de decomposição que alimentam o próprio solo e umidificam o ambiente. Quanto maior a diversidade, maior a vida. E, na diversidade, há sempre mudanças.

É imprescindível assumir que uma das características universais de todo o ecossistema é a mudança contínua a que está submetido (GÓMEZ-POMPA; WIECHERS, 1976). Escutar, seguir na direção das mudanças ao longo do tempo e ajudar que essas transformações não destruam a vida, mas que continuem de forma perene. E criando mais vida, é algo que precisamos aprender (ou reaprender).

O Mundo treme, criouliza-se, isto é, multiplica-se, misturando suas florestas, e seus mares, seus desertos e suas banquisas, todos ameaçados, mudando e permutando seus costumes e culturas e aquilo

É importante marcar que o discurso preservacionista e «ecológico» pode, muitas vezes, excluir um grande número de pessoas de acessos à informação, à saúde e às tecnologias da modernidade. A preservação não impede a transformação - ou uma desconstrução. E a desconstrução tem a ver com rever privilégios de quem pode ou não ter acesso à vida confortável na cidade, ou a uma área de preservação, com suas distâncias e exclusões. Desconstrução é, entre outras coisas, uma crítica persistente do que uma pessoa não pode não querer (SPIVAK, 1996). Como continuar querendo a preservação, mas incluindo as pessoas que vivem e se transformam em áreas preservadas? Como habitar as ruínas e transformá-las em paisagens vivas?

Uma das formas mais importantes de resistência à *plantation* consistia em fugir e se misturar à floresta. Essa prática, conhecida como *marronage*ⁱⁱ, é uma oposição social, política e cultural, que esteve frequentemente na origem de formação de sociedades organizadas que compartilhavam a preparação para guerra, para festa e para uma vida comum (GLISSANT, 2014; BONA, 2020). Essa forma de organização também nos ensina que a floresta é espaço de refúgio, proteção e cuidado, mas, sobretudo, é onde o cultivo da multiplicidade acontece.

O cuidado é para que essa floresta seja feita, ou refeita, de maneira a manter a produção da vida para diferentes espécies e subjetividades que dividem conosco esse mundo vivo - não como essência, mas como relação (GLISSANT, 2014). Dentro dessa lógica, a

sucessão trata-se de um fenômeno que movimenta toda a biosfera, não somente com relação à dinâmica das florestas.

Basicamente a sucessão resume-se no estabelecimento de consórciosⁱⁱⁱ sucessivos, sendo que cada um chega a dominar na área até que se transforme e transforme o ambiente de tal forma que o próximo consórcio, já convivendo com aquele, chegue, por sua vez, a dominar e assim sucessivamente, numa progressão onde os consórcios, com espécies cada vez com ciclo de vida maior, vão caracterizando, um após o outro, a fisionomia de cada um dos estádios, até que uma nova perturbação dê início novamente a um novo ciclo, começando com o consórcio das espécies pioneiras, porém, já em condições ambientais mais propícias a espécies mais exigentes, pois a vida acaba por transformar o local onde atua, levando a uma melhoria da qualidade do ambiente, devido ao acúmulo de matéria orgânica e interações bióticas (PENEIREIRO, p.4, 2003).

A agricultura sintrópica tem pensado e desenvolvido maneiras e técnicas de regeneração de solos destruídos por anos de monocultura em plantações de soja, cana ou mesmo pastos. A sintropia se manifesta pela formação de estruturas, pelo aumento de diferenciação e complexidade, tal como acontece com a vida. Ou seja, enquanto a entropia dispersa, a sintropia concentra.

Essa ação baseia sua cosmovisão transdisciplinar com apoio na biologia, química, ecologia e botânica, tecnologias, ferramentas e saberes locais. Portanto, essa proposta se vale de um encadeamento coerente e sistemático. Do planejamento à execução do plantio, há método e há resultado prático. Há também a poda constante de plantas, para criar e dinamizar a criação de matéria orgânica para o

solo. “O fator crítico e determinante da saúde e das taxas de crescimento, bem como da produtividade do sistema não era a qualidade inicial do solo, mas sim a composição e a densidade dos indivíduos da comunidade de plantas” (GÖTSCH, 1995).

Proponho, então, um jogo de analogias e de sonhos. Com a proposta da agricultura sintrópica organizada por Peneireiro (2002), imaginar práticas possíveis de aprender e desaprender os mundos, e transformar outros. Um olhar para a natureza, para as analogias da agrofloresta e de práticas inventivas para atuação em espaços de operação social, educativa ou artística.

Aqui, é importante enfatizar este como um dentre tantos caminhos possíveis. Não se trata de salvação, mas de muito trabalho para ativar outros modos de existir e fazer as ações/criações, incluindo agentes humanos e não humanos, numa rede de materialidades e sensibilidades que promovem coreografias plurais inter-espécies - nem sempre consensuais. É a produção de paisagens, que não apenas catalogam a diversidade, mas conseguem narrar as histórias em que as diversidades emergem, entendendo que a diversidade é sempre criada com sinergias colaborativas, sempre em devir (TSING, 2019).

Sáímos, assim, do protagonismo central do quadro, e do sofá (do Sonho do quadro), para imaginar radicalidades práticas (ou práxis) e materialidades que possam propiciar diferenças:

1) **A teimosia da vida em predominar:** Que nossas intervenções sejam no sentido de sempre aumentar a vida nos lugares (em

quantidade e qualidade). Que a ética do cuidado prevaleça.

2) Adaptação das espécies ao local: Que possamos pensar nossas práticas e intervenções a partir de um processo profundo de conhecimento, escuta da cartografia do território. Das pessoas, do clima, das plantas, dos animais, dos equipamentos públicos, das dinâmicas, fluxos e lideranças. Ouvir o território para construir práticas possíveis em direção a problemas relevantes.

3) Sistema completo desde o início: Pensar no futuro, aprender com o passado e habitar o presente. Usar o saber guardado na memória das sementes, das histórias, das crenças, das práticas de cuidado e de festa.

4) Simultaneidade e adensamento dos consórcios: Diferentes combinações de propostas, com camadas que acontecem ao mesmo tempo, e em tempos diferentes. Ordenação e pensamento metodológicos para conhecer o que vem primeiro e o que acontece depois. Pensar num ciclo de adensamento de ações ao longo de um período e acompanhar seu desenvolvimento. Permanecer.

5) Dinâmica - Pensar nos agentes e operadores que ajudam a dinamizar processos, como lideranças, equipamentos e projetos que já atuam nos territórios. Juntar forças para engajar as propostas em diferentes espaços. Interdisciplinarizar a ação, ampliando-a para humanos e não humanos presentes no território: o vento, a chuva, a maré.

6) Cooperação x competição: As plantas da floresta vivem muito bem, umas bem próximas às outras, mostrando que, desde que a combinação das plantas esteja adequada,

não há problema com competição. Pensar em estar junto em cooperação.

Por onde começar? Lembrando que, aqui, não há receita prévia. Emanuele Coccia (2018) sugere começarmos por uma filosofia da natureza: fazer da natureza e do cosmos objetos privilegiados de pensamento, e afirmar que só podemos pensar, existir e sentir a partir desses objetos. É da natureza que nos permitimos sermos humanos, não separados dela, mas atravessados por toda força física que a atravessa e transforma. A partir de uma filosofia da mistura, que tem como ponto de partida as plantas a proposta do filósofo, parte da vida vegetal e nos apresenta uma forma de conhecer um mundo pelas plantas, com sua superfície de sensações, com as folhas produzindo a atmosfera, as raízes conhecendo a Terra e as flores como forças cósmicas.

As plantas coincidem com as formas que inventam, a própria existência se dá pela forma do corpo e a maneira como ele se relaciona e produz o mundo, assim como é também por ele transformado. Possibilidade de comunicação com um mundo vivo, que só pode acontecer quando o humano deixa de ser o centro dos processos comunicantes, quando o humano se deixa abrir aos devires e povoar por forças não humanas (DIAS, 2020). Deixar de sonhar com floresta para ser floresta e fazer floresta. Inventar, misturar, dançar. Soprar com sopros diferentes (GLISSANT, 2014).

Inovando na história das humanidades, o mundo para nós não é mais apenas um sonho, um longínquo a saciar, não é mais um projeto, uma conquista a perfazer, mas doravante, e pelo tempo que for necessário, um sofrimento, um sofrimento

de todos. Nosso trabalho é esforçar-nos em todo lugar, aqui-lá, lá-dentro, para sublimar esse sofrimento. Ele se torna sufocação, ou pelo contrário, um sopro liberto. Ele pode se tornar, na absoluta diversidade, sopro libertado, isto é, arte e justa medida, a liberdade - as palavras e também as próprias coisas do inter-dito, que nós, ironizamos para não infringir a nós mesmos- é, aqui-lá, nosso trabalho no Todo-o-Mundo (GLISSANT, p.41, 2014).

Agradeço ao Conrado Federici e Tarcisio Almeida pela leitura e sugestões afetuosas.

Agradeço Lia Rodrigues pelas conversas inspiradoras.

Referências

- ALEXANDRE, Arsène. *La vie et l'œuvre d'Henri Rousseau: peintre et ancien employé de l'octroi*. Comoedia, 4e année, n° 901 (Quotidien), 19 de março de 1910 .
- ACOSTA, Alberto. *O bem Viver: uma Oportunidade Para Imaginar Outros Mundos*. São Paulo: Editora Elefante, 2016.
- BONA, Dénètem Touam. *Cosmopoéticas do refúgio*. Desterro: Cultura e Barbárie, 2020.
- CESAR, Marisa, Flórido. *Como se existisse a humanidade*. *Arte & Ensaio* (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 1, p. 16-25, 2017.
- COCCIA, Emanuele. *Nenhum distanciamento social pode nos proteger*. In: Glac Edições. <https://www.glacedicoes.com/post/nenhum-distanciamento-social-pode-nos-protoger-emanuele-coccia>, 2020.
- COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: Uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- DIAS, Susana. *Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo*. *ClimaCom - Florestas* [Online], Campinas, ano 7, n. 17, Jun. 2020. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>
- GLISSANT, Édouard. *O pensamento do tremor*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014.
- GÓMEZ-POMPA, A.; WIETCHER, B. L. *Regeneración de los ecosistemas tropicales y subtropicales*. In: GÓMEZ-POMPA, A; RODRÍGUEZ, S. del A.; VÁSQUEZ-YANES, C. CERVERA, A.B. (eds). *Investigaciones sobre la regeneración de selvas altas en Vera Cruz, México*. México: Compañía Editora Continental. 1976. p. 11-30.
- GÖTSCH, Ernst. *Break-through in agriculture*. Rio de Janeiro: AS-PTA. 1995. 22p.
- GÖTSCH, Ernst. *Homem e Natureza Cultura na Agricultura*. Recife: Centro sabiá, 1997.
- HARAWAY, Donna e GOODEVE, Thyrsa, Nichols. *Fragmentos: Quanto como uma folha*. entrevista com donna haraway. in: *Mediações - Revista de Ciências Sociais*. V. 20, n. 1.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LIMA, Andrei Fernando Ferreira. (2019). *Iconografia musical na obra de Henri Rousseau*. *ARS (São Paulo)*, 17(37), 163-181. Epub January 20, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2019.154437>. Acesso em: 23/09/2020
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018a.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018b.
- MORAES, A. PARRA, H. Z. M. (2020) *Laboratórios do Comum: Experimentações políticas de uma ciência implicada*. Rede Latino-Americana de Estudos em Vigilância, Tecnologia e Sociedade (Lavits). *Revista do Centro de Pesquisa e Formação* n.10. p.113 a 139.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. **The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study**. Brooklyn: Minor Compositions, 2013.

PENEIREIRO, Fabiana, Mongeli. **Fundamentos da agrofloresta sucessional**. Artigo apresentado no II Simpósio sobre Agrofloresta Sucessionais, em Sergipe. 2003.

PENEIREIRO, Fabiana, Mongeli. **Sistemas Agroflorestais dirigidos pela sucessão natural: um estudo de caso**. Tese de Mestrado. ESALQ/USP, Piracicaba. 1999. 138p.

ROUSSEAU, Henri. *The Dream*. In: Disponível em : https://www.moma.org/collection/works/79277?sov_referrer=artist&artist_id=5056&page=1, 1910. Acesso em: 23/09/2020

SPIVAK, Gayatri; LANDRY, Donna; MACLEAN, Gerald (org.). **The Spivak reader**. New York: Routledge, 1996.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: Paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: Mil folhas do IEB, 2019.

bando já constituído. Em português corresponde ao quilombo e à figura do quilombola.”(GLISSANT, p.89, 2014)

ⁱⁱⁱ O consórcio de plantas é caracterizado pelo cultivo de duas ou mais culturas em uma mesma área e ao mesmo tempo. Essa prática é extremamente importante para a produção de hortaliças, grãos, frutas e outras culturas, pois tem inúmeras vantagens econômicas e ambientais.

Recebido em 30/10/2020

Aceito em 19/11/2020

ⁱ “Yadwigha dans un beau rêve/S’étant endormie doucement/Entendait les sons d’une musette/Dont jouait un charmeur bien pensant./Pendant que la lune reflète/Sur les fleurs, les arbres verdoyants,/Les fauves serpents prêtent l’oreille/Aux airs gais de l’instrument.” (ALEXANDRE, A. 1910 apud LIMA, 2020)

ⁱⁱ Marronage remete a marron, termo que vem do espanhol cimarrón (selvagem). O termo designa o escravo que durante a escravidão fugia da Plantation ou da Habitação e se refugiava nos morros e nas florestas do entorno. Essas fugas eram praticadas individualmente ou em pequenos grupos. Alguns marrons permaneciam isolados por muito tempo, outros se constituíam em bandos em torno de um chefe, ou se integravam a um